



FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: MEMÓRIA E DISCURSOS DA IMPRENSA

Rosângela de Sena Almeida¹

A procura da mulher pelo futebol mostra-se recorrente nos últimos anos, contrapondo-se às décadas passadas, quando as mulheres não tinham oportunidade de participar ativamente desta prática. Quando, burlando interdições, elas o faziam, tal fato não tinha a visibilidade dada dos tempos atuais. Entendo que este movimento reflete, ou melhor, expressa um fato social: as mulheres estão ocupando espaços que eram prioritariamente masculinos.

A partir de meados dos anos noventa, como se pode diagnosticar pelo aumento expressivo do número de matérias jornalísticas relacionadas ao tema, o futebol feminino tem obtido visibilidade e relevância inéditas no âmbito esportivo, por sua participação ativa em agremiações, clubes esportivos e em competições nacionais e internacionais. A extinção oficializada da interdição à prática do futebol feminino (FF), em 1985, a promoção do primeiro Mundial, em 1991, a participação oficial em Jogos Olímpicos como esporte de competição e a agenda da imprensa que tem se mostrado interessada no tema, promovem uma visibilidade nunca antes dada ao FF.

A imprensa tem fundamental papel no fomento de memórias, especialmente das institucionais e/ou coletivas, pois participa do processo de produção de sentidos dos fatos, tanto cristalizando memórias do passado como construindo memórias do futuro, contribuindo na constituição do imaginário social. Assim sendo, também promove esquecimentos e apagamentos que compõem a construção de uma memória. No caso do FF, determinados apagamentos dizem mais que falas e participam enfaticamente da institucionalização de sua memória oficial. Destarte, este artigo relaciona imprensa, memória e futebol feminino.

Por que analisar o discurso da imprensa sobre o futebol feminino?

Considerando que “as práticas discursivas legitimam, institucionalizam e organizam direções de sentidos e formas de agir na construção da vida social”², entendo que a prática

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social/UNIRIO. Email: rosangelasena@hotmail.com

² MARIANI, Bethânia. Discurso e Instituição: a Imprensa. In: *Rua - Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade*. Campinas: Unicamp, nº5, p.47-61, março 1999, p.51.



discursiva midiática aparece, nas sociedades hodiernas, como importante espaço de construção desses sentidos e de constituição do imaginário social. Os discursos jornalísticos participam, assim, da constituição das representações sociais, produzindo sentidos e/ou esquecimentos e silenciamentos.

As fontes analisadas nesta pesquisa revelam como a mídia, mais especificamente a imprensa, por ser um espaço social de fomento de discursos, falas e de promoção de significados, participa da construção da representação e da memória social de um esporte.

O esporte é um espaço sócio-histórico culturalmente construído e institucionalizado e, portanto, em constante reformulação e atualização. O mundo esportivo estabelece relações sociais que extrapolam meramente a questão material e física na qual atuam os atletas e a assistência. Na contemporaneidade, os esportes se apresentam como uma prática cultural de visibilidade, nos quais os torneios e as competições esportivas contam com uma quantidade expressiva de espectadores. Os patrocinadores, ansiosos pela promoção da mídia, fazem circular grandes somas financeiras.

A importância social e cultural do futebol no Brasil pode ser percebida ao enumerar-se a quantidade de estudos acadêmicos encontrados sobre o assunto. Entretanto, nota-se que esse mesmo interesse não é percebido em relação ao futebol feminino. Ao fazer um levantamento sobre futebol masculino no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no período de 1987 a 2007, foram encontrados 557 trabalhos, dos quais, 455 são dissertações de mestrado e 102 teses de doutorado. Em contrapartida, encontram-se oito trabalhos relacionados ao futebol feminino e três deles voltados exclusivamente para os estudos da biomecânica, cinesiologia ou fisiologia do exercício.

A escolha do futebol feminino - prática desportiva eminentemente conhecida como masculina - como temática deste artigo pode auxiliar na compreensão das mudanças dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres nos espaços esportivos³, no período que abrange o final do século passado e início do atual.

Os discursos institucionais, tanto o da imprensa como o da academia, têm significativa representatividade na construção da memória do futebol feminino. Ambos fomentam o processo de produção de sentidos e promovem a emersão de memórias que participam da inscrição deste esporte na história. O presente artigo relaciona, de maneira interdisciplinar, o futebol feminino,

³ GOELLNER, Silvana Vilodre. As mulheres e as práticas corporais e esportivas no início deste século: beleza, saúde e feminilidade. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de História do esporte, Lazer e Educação Física*. Rio de Janeiro, p.153-160, 1998.



a imprensa e a memória social com o intuito de contribuir para a melhor compreensão de tais temáticas.

Desse modo, tendo como temática principal o esporte futebol feminino e as formas como este é construído discursivamente na imprensa contemporânea, os resultados obtidos nesta pesquisa podem se constituir em um referencial analítico que estimule reflexões críticas sobre exclusão/inclusão. A marginalização da mulher em determinadas práticas e espaços e, em especial, para a análise e entendimento do papel dos discursos midiáticos na construção de memórias e representações sociais são exemplos dessas reflexões.

Sobre a memória social

A memória social é construída e desenvolvida sempre em relação a algo, a alguém, a algum lugar ou tempo, ou seja, é um fenômeno relacional e relativo, intrinsecamente ligado a variáveis e contextos altamente mutáveis.

Tal fenômeno acontece coletivamente, de maneira fluida e volátil, pois permanece vivo e pulsante, permitindo que as memórias também adquiram estas qualidades de fluidez e vivacidade tão apropriadamente observadas por Halbwachs. Ao distinguir os conceitos de história e memória, o autor fala da não-linearidade e da indefinição das fronteiras no desdobrar-se da memória coletiva, que seria “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.⁴

Não há, portanto, na construção coletiva da memória, linhas nítidas de separação e, sim, limites irregulares e incertos. Halbwachs argumenta que, enquanto o indivíduo se reconhecer como pertencente a um determinado grupo, sua memória individual também é constituída da memória coletiva daquele grupo. As lembranças, mesmo aparentando serem exclusivas e pertencentes unicamente ao próprio indivíduo, são percebidas a partir dos outros e se constituem como um aspecto coletivo da rememoração.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós(...). Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das idéias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles.⁵

⁴ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990, p.81.

⁵ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990, p.26/27.



Existem determinados elementos que são constitutivos da memória social e que ao interagirem na formulação e construção social desta memória promovem a elaboração de uma ou mais memórias coletivas. Pollak ⁶, abordando o tema, esclarece quais seriam os principais aspectos a partir dos quais se constroem as memórias: os acontecimentos, as pessoas ou personagens e os lugares. O autor enfatiza que nem sempre tais elementos têm a participação efetiva e delimitável, pois em várias situações eles se apresentam de maneira indireta; mas, mesmo nestes momentos, possuem importância visceral para a rememoração ou a construção de memórias.

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos. ⁷

Para o autor, existem identificações tão expressivas que, ao se rememorar fatos, personagens ou eventos, as memórias se confundem, se perpassam, fazendo parte de uma vivência que não se realizou concretamente. Assim, as memórias públicas misturam-se às memórias privadas ou individuais de tal maneira que se torna impossível ter nitidez e precisão de, por exemplo, datas ou detalhes específicos, limites territoriais, temporais ou mesmo características físicas daquilo que é lembrado.

Da mesma forma, a construção da memória do FF se constitui, também, a partir de memórias individuais de jogadoras, familiares e técnicos, que se fazem presentes com seus relatos em várias matérias jornalísticas. Quando, nas matérias analisadas nesta pesquisa, o discurso jornalístico é construído, por exemplo, por falas de uma jogadora que participou daquele evento descrito, as memórias se mesclam e, num processo simbiótico, se confundem de maneira a impossibilitar a separação de uma lembrança ou de uma memória privada/particular de uma pública.

Imprensa e o futebol feminino no Brasil: assim também se faz memória

O futebol feminino, apesar de relatos de sua presença no Brasil⁸ desde a primeira década do século XX, se constitui num esporte da contemporaneidade, com poucas participações em competições internacionais. Somente em 1996 obteve o status de esporte de competição em Olimpíadas, mesmo ainda não estando profissionalizado no país.

⁶ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992.

⁷ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.202.

⁸ FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.

In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol.25, nº50, jul./dez. 2005.



Embora o século XX tenha sido marcado pela hegemonia da equipe norte-americana (observar quadros 1, 2 e 3), na atualidade, as brasileiras têm mostrado grande competitividade e alto desempenho, malgrado a falta de incentivo financeiro e de interesse mercadológico. Nos anos de 2006, 2007 e 2008, a jogadora Marta, integrante da equipe brasileira e ganhadora da medalha de ouro nos últimos jogos Pan-Americanos realizados no Brasil, foi eleita, consecutivamente, a melhor atleta de futebol feminino do mundo.

Ao pensar no futebol feminino, a escassez de informação é ainda observável em todos os veículos da mídia, o que ratifica a sua pouca visibilidade na sociedade brasileira. Ele aparece como um esporte de interesse secundário, permanecendo nesta categoria mesmo em momentos de superação nos quais as qualidades físicas, táticas e motivacionais de suas atletas suplantam as adversidades concretas da falta de patrocínio e de apoio institucional e promovem um ganho real de medalhas e posicionamentos em pódios de competições de grande prestígio.

Para melhor contextualizar o FF no cenário esportivo mundial, descrevo abaixo a relação de competições internacionais oficiais da sua história, no período de 1970 a 2007, objeto de observação desta pesquisa. O quadro 1, a seguir, apresenta as competições de Copas do Mundo de FF, realizadas a partir da década de noventa.

QUADRO 1 - COPAS DO MUNDO DE FF

ANO	Local	1°	2°	3°
1991	China	EUA	Noruega	Suécia
1995	Suécia	Noruega	EUA	Alemanha
1999	EUA	EUA	China	BRASIL
2003	EUA	Alemanha	Suécia	EUA
2007	China	Alemanha	BRASIL	EUA

No ano de 1996, inicia-se a participação do FF como competição nos Jogos Olímpicos. O quadro 2 anuncia tais participações nos últimos quatro Jogos Olímpicos, destacando os quatro primeiros colocados nos pódios:

QUADRO 2 - JOGOS OLÍMPICOS COM PARTICIPAÇÃO DO FF

ANO	SEDE	1°	2°	3°	4°
1996	Atlanta / EUA	EUA	China	Noruega	BRASIL
2000	Sydney / Austrália	Noruega	EUA	Alemanha	BRASIL
2004	Atenas / Grécia	EUA	BRASIL	Alemanha	Noruega
2008	Pequim / China	EUA	BRASIL	Alemanha	Noruega

Com relação aos Jogos Pan-Americanos, constatamos a presença do FF em três ocasiões, como indicado no quadro 3:

QUADRO 3 - JOGOS PAN-AMERICANOS COM PARTICIPAÇÃO DO FF



ANO	SEDE	1°	2°	3°	4°
1999	Winnipeg/Canadá	EUA	México	Costa Rica	Canadá
2003	Santo Domingo/ Rep. Dominicana	BRASIL	Canadá	México	Argentina
2007	Rio de Janeiro/Brasil	BRASIL	EUA	Canadá	México

O papel da imprensa no processo de construção da memória do FF brasileiro é relevante e sua importância torna-se mais evidente se observarmos comparativamente os quadros 1, 2 e 3, acima mostrados, e o número de matérias jornalísticas coletadas nos três jornais pesquisados (O Globo, Jornal dos Sports e Jornal do Brasil) no período de 1976 a 2008.

Observei que, no arquivo coletado, a quantidade de textos relativos ao FF aumenta consideravelmente durante as competições e nos períodos que as antecedem. Porém, ao seu término, o decréscimo é perceptível, chegando à inexistência de artigos disponíveis em jornais, aos quais eu tive acesso, nos anos em que as competições mundiais não ocorreram. Tomemos como exemplo o ano de 1991, quando acontece a primeira Copa do mundo de FF. Encontrei 29 matérias durante o ano, porém, no ano seguinte, não foram encontradas matérias jornalísticas relacionada ao FF. Fenômeno similar acontece no ano de 1999, quando a seleção brasileira alcança o terceiro lugar inédito na Copa do mundo, e podemos encontrar 15 matérias sobre FF. Entretanto, no ano anterior, 1998, foram encontradas apenas 9 matérias sobre o esporte.

Entendo que os meios de comunicação de massa têm singular participação na expansão, divulgação e também na construção da memória de um esporte. Habituar-se às regras, às diferentes equipes e atletas, a seus distintos estilos de jogar e à própria estética do jogo, faz com que as pessoas se familiarizem e criem vínculos sócio-culturais, emocionais e cognitivos com o esporte em questão. Assim sendo, é importante observar em que medida a imprensa pode modificar, atualizar e problematizar a construção de uma memória do FF.

Um possível percurso de análise

Com a intenção de perceber como o discurso jornalístico participa da construção de uma memória discursiva do futebol feminino (FF) e de verificar a maneira como o discurso da imprensa sobre o esporte e a atleta poderia reiterar, modificar, atualizar ou problematizar a construção de uma memória discursiva do FF, analisei artigos dos jornais O Globo, Jornal dos Sports e Jornal do Brasil, compreendidos entre o período de 1970 a 2008.

Alguns questionamentos foram levantados a respeito da forma como a imprensa representa e se refere ao FF e às jogadoras e, sobretudo, quais sentidos e memórias são construídos



discursivamente pela imprensa. Pretendi evidenciar a dimensão processual da construção dos sentidos no decorrer do período pesquisado, identificando a reorganização das redes de filiação de sentido e as formações discursivas que participam do processo de construção e de disseminação de uma memória do FF.

A partir da historicidade inscrita no discurso das matérias constituintes do corpus analítico, resolvi percorrer a análise a partir de três eixos temporais. Estes me auxiliaram na percepção dos acontecimentos discursivos que se inscreveram na memória discursiva do FF. São eles: a proibição da prática do FF (eixo temporal I – 1970 a 1990), a extinção desta interdição e o início das competições internacionais (eixo temporal II – 1991 a 2000) e a participação e vitórias da seleção brasileira nas competições internacionais (eixo temporal III – 2001 a 2008).

Percebi que o discurso jornalístico-esportivo carrega em si as marcas dos padrões da sociedade que são utilizadas para aproximar cada vez mais o sujeito-leitor. Tais marcas reafirmam e cristalizam modos de pensar e agir relacionados à mulher. Por exemplo, nas décadas de setenta e oitenta (eixo temporal I), quando se torna mais visível a procura da mulher pela prática do futebol e iniciam-se os debates acerca desta temática, pode-se perceber, nos enunciados analisados, que o futebol não era considerado um esporte adequado à mulher. No decorrer do eixo temporal II, a dificuldade de evolução do FF e a falta de apoio institucional revelam o sentido de inadequação de futebol às mulheres.

A partir da análise dos enunciados percebi que existem marcas de diferentes discursos, nos quais os sentidos se aproximam ou se distanciam, num embate ideológico. Algumas destas redes de sentido predominam em alguns períodos, porém este processo é dinâmico e no decorrer da análise verifiquei que dois destes sentidos sobressaem: o futebol como uma prática esportiva voltada para os homens e o futebol feminino como um esporte competitivo.

Considero que ocorreu um deslocamento de sentidos no decorrer do período do corpus de nossa pesquisa, pois nascendo em oposição ao sentido do *futebol é para homem*, revela-se o sentido do *futebol feminino é competitivo*. Nas matérias da atualidade (eixo temporal III), os enunciados passam a enaltecer a perícia e técnica das atletas; o que nos revela o deslocamento de sentidos do futebol como fator masculinizante da mulher para um sentido de mulher praticante de futebol percebida como atleta que tem como prioridade o êxito nas competições.

Também são percebidas permanências: o sentido do futebol como uma prática para homens permeia todo o corpus analítico desta pesquisa e mostra-se presente nos três eixos temporais.



No decorrer da análise encontramos paráfrases, repetições, heterogeneidades e diferentes sentidos que nos revelam as diversas possibilidades de entendimento do processo de construção de uma memória do FF. Além das percepções únicas e anacrônicas que promovem deslizamentos de sentidos nos já-ditos, outras pistas discursivas me indicaram como se dá o processo de discursivização do FF na imprensa brasileira.

Apesar das possibilidades de versões distintas para a compreensão da construção do processo de memória do FF, pode-se concluir que o sentido que associa o futebol aos homens permeou todo o discurso compreendido nos eixos temporais examinados. No entanto, outras redes de sentidos são encontradas no discurso jornalístico. O embate ideológico por elas promovido destaca um sentido que se instaurou ao longo do eixo temporal II e destacou-se no eixo temporal III, o do futebol como uma prática adequada às mulheres e à competição.

Cabe ressaltar que outras redes de sentidos poderiam se revelar ao longo de uma análise diferenciada, baseada em outros pressupostos teórico-metodológicos. Os deslizamentos e os deslocamentos enunciativos constitutivos de todo discurso e a própria característica de fluidez de uma memória são aspectos que facilitam o percorrer de diferentes caminhos de análise.

Bibliografia

- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol.25, nº50, jul./dez. 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. As mulheres e as práticas corporais e esportivas no início deste século: beleza, saúde e feminilidade. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de História do esporte, Lazer e Educação Física*. Rio de Janeiro, p.153-160, 1998.
- MARIANI, Bethânia. Discurso e Instituição: a Imprensa. In: *Rua - Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade*. Campinas: Unicamp, nº5, p.47-61, março 1999.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, p. 200-212, 1992.